Incêndio de construção em Bruxelas: Incêndio fumegante (latente) de poliuretano

1 Introdução

Em 21 de janeiro de 2009, o Corpo de Bombeiros de Diksmuide (Bélgica) foi enviado para uma chamada de incêndio num edifício habitacional. Foi uma chamada como outra qualquer, mas que, quase se tornou fatal para dois bombeiros.

O acionamento foi para uma moradia unifamiliar isolada (Fig. 1), todas as divisões do edifício situavam-se ao nível do rés do chão, e, na cobertura havia um sótão que não era utilizado, pois o telhado tinha bastante inclinação.

O edifício tinha sido renovado, tendo sido colocado um novo telhado (estrutura + cobertura) no topo, sob um telhado já existente.

Figura 1 - Edifício isolado com divisões ao nível do rés do chão e espaço de sótão não utilizado por baixo do telhado. (Imagem: JVK)

Nesta renovação, nas obras que foram executadas no sótão, o isolamento em poliuretano (PUR) foi pulverizado entre as vigas da estrutura do segundo telhado. Ao isolar melhor o sótão, a casa consumiria menos energia pois a pulverização é um processo exotérmico. Os trabalhadores da construção civil têm de respeitar um conjunto de regras para garantir que o calor libertado com a formação do PUR, esteja a ser extraído. Ainda assim, durante estes trabalhos iniciou-se um pequeno incêndio, mas os próprios trabalhadores conseguiram extingui-lo. No entanto, não entraram em contato com o Corpo de Bombeiros para verificar se a extinção foi efetiva.

Algumas horas depois, aperceberam-se novamente de um odor característico destes materiais em combustão. Apesar de não terem visualizado nada, desta vez alertaram o Corpo de Bombeiros. O acesso ao sótão fazia-se através uma pequena abertura com recurso a escadas, os comandantes subiram colocaram a cabeça no buraco do sótão e também não viram nada que indicasse existência de incêndio, mas decidem enviar dois bombeiros para o sótão com o equipamento de proteção individual incluindo o Aparelho Respiratório Isolante Circuito Aberto (ARICA).

Os dois bombeiros entram no sótão e iniciaram o reconhecimento para tentarem detetar algum incêndio. Em primeira instância, deslocaram-se para o local onde os trabalhadores se encontravam, no entanto não detetaram nada, e na verdade, não se via qualquer sinal de fogo no sótão nem havia fumo.

O sótão é um espaço inutilizável, a armação de vigas em madeira que sustenta o telhado faz com que apenas exista um pequeno espaço. Essa característica é certamente prejudicial

para os elementos com os seus ARICA, dificultando a sua movimentação por espaços confinados.

Figura 2 - A estrutura de suporte de madeira no sótão. O espaço entre as vigas era bastante limitado. Por tal motivo, a liberdade de movimento dos bombeiros que envergavam ARICA era limitada. (Foto: Corpo de Bombeiros de Diksmuide)

Decidem então procurar na outra extremidade do sótão, para tal, necessitaram de passar pelo buraco da escada e prosseguir na direção da outra extremidade do telhado.

Até este momento, nenhum sinal é detetado de qualquer problema que esteja a ocorrer. Não há fumo visível, nem calor, o sótão está com um ambiente respirável.

De forma repentina, os bombeiros são surpreendidos por um fumo esverdeado, a visibilidade rapidamente se reduz a zero apercebendo-se de imediato que se encontram em grandes problemas. Voltam então na direção contrária, o fumo inflama-se e estão agora num sótão completamente inundado de chamas, ambos estão em perigo mortal, felizmente conseguem atirar-se pelo buraco da escada.

Figura 3 - O vestuário de proteção de um dos bombeiros após o incêndio. (Foto: Corpo de Bombeiros de Diksmuide)

Ambos os bombeiros sofrem queimaduras graves, o seu vestuário de proteção pessoal e o ARICA ficaram muito danificados. Não há dúvida de que eles sobreviveram a isto por causa de sua atitude profissional: se não tivesse utilizados as suas peças faciais dos aparelhos respiratórios, não teriam tido a mínima hipótese.

Já em ambiente seguro, são auxiliados pelos colegas, recebem os primeiros socorros no local e são transferidos com urgência para um centro de tratamento de queimados no qual, são tratados por um longo período de tempo.

A rápida evolução deste incêndio foi uma surpresa para o corpo de bombeiros, em 2009 ninguém entendia como isto poderia ocorrer. Aparentemente, o PUR fumegante pode transformar uma sala aparentemente segura num ambiente de inferno num piscar de olhos.

2 Chamada para a suspeita de fumo em Bruxelas

No dia 18 de fevereiro de 2020, por volta das 14h20, o Corpo de Bombeiros de Bruxelas (DBDMH=Serviço de Bombeiros e Ajuda Médica Urgente) é enviado para Leuvensesteenweg em Sint-Joost-Ten-Noode para um desenvolvimento de fumo. Trata-se de um pequeno município do distrito de Bruxelas com uma densidade populacional extremamente elevada. O número de habitantes é de 24 000/km² (contra 376 habitantes/km² na Bélgica).

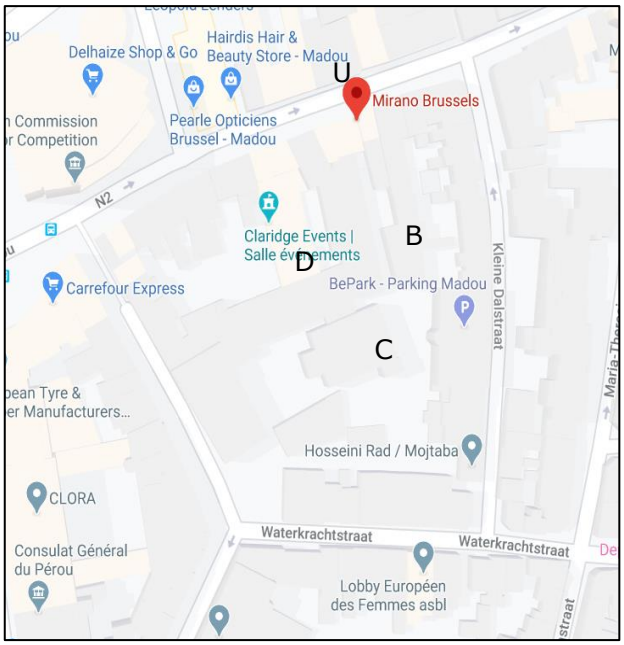

Figura 4 - A Leuvensesteenweg encontra-se na parte superior da imagem, da esquerda para a direita. O Mirano é indicado com o ponto vermelho. (Fonte: Google Maps)

Isto significa que todos os edifícios se encontram próximos uns dos outros, noutras zonas da Bélgica, frequentemente encontram-se localizadas à beira da rua e os pátios são utilizados como jardins. Em Bruxelas, muitos edifícios estão situados na segunda fila, logo os pátios também estão cheios de edifícios, hangares para armazenagem e, neste caso, um edifício de apartamentos. Como resultado, muitas vezes não há acessibilidades para as viaturas dos bombeiros tendo sucedido o mesmo neste incidente em particular.

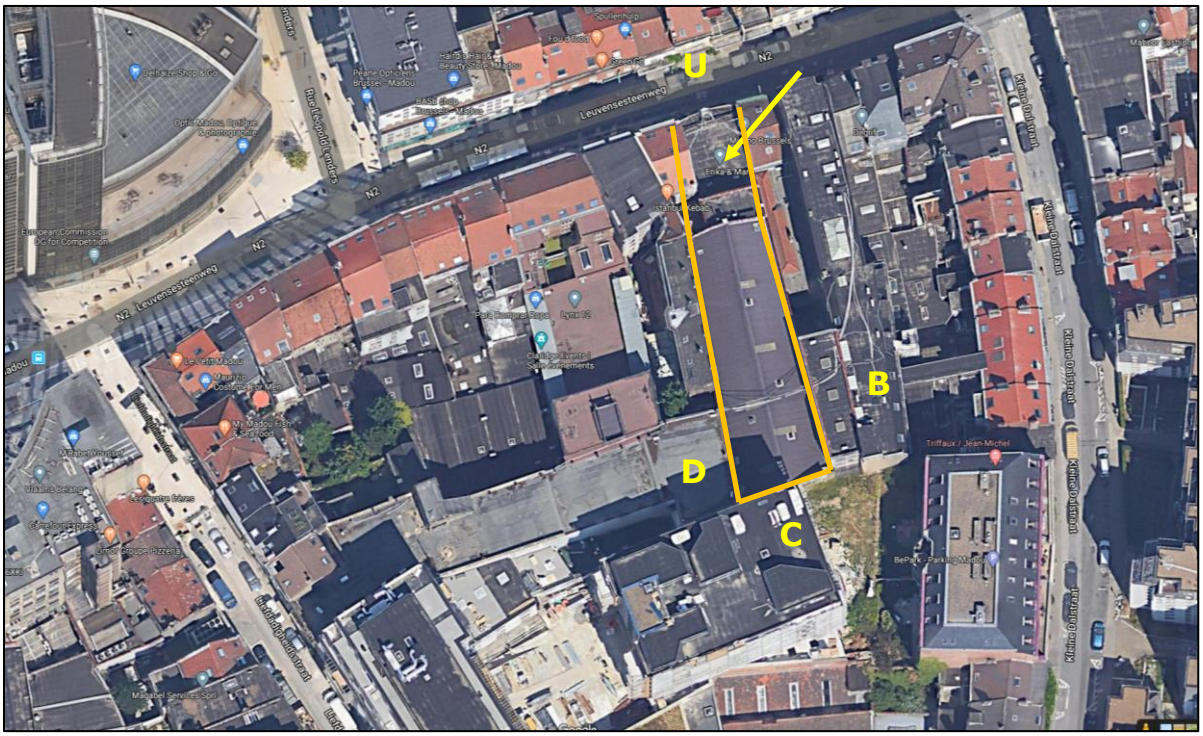

Figura 5 - **Imagem aérea dos edifícios à volta do Mirano. A seta amarela indica a parte da frente do edifício. Por baixo da seta amarela, é visível o teto retangular do nightclub.** *(Fonte: google maps)*

A primeira viatura saí do quartel dos bombeiros "Cité", à sua chegada ao nigthclube *"Mirano",* às 14h25, concluem que só têm contato visual com a frente do prédio (Setor Alfa).

Os edifícios construídos nos lados Bravo e Delta são bastante compridos (cerca de 60 metros), mais ou menos paralelos com longas paredes comuns ao edifício, pode-se encontrar "Kleine Dalstraat" (setor bravo) e "Liefdadigheidsstraat" (setor delta).

No setor Charlie, não há edifícios adjacentes. Há, no entanto, um edifício de apartamentos de altura média a uma distância de cerca de 2 metros da parte de trás do "*Mirano".* As figuras 4 e 5 mostram uma visão da complexidade desta situação urbana.

2.1 Primeira equipa no teatro de operação (TO)

O grande salão da discoteca situa-se no extremo do edifício, os bombeiros do quartel de "Cité" começam por efetuar o reconhecimento liderados pelo sargento Debaucheron. Concluem que, os trabalhadores estão a executar trabalhos de soldadura num teto de aço num sótão com instalações técnicas e nesse processo, algo começou a gerar fumo que desce do teto. O comandante ordena o estabelecimento de uma mangueira de 45mm para o sótão, estima corretamente que este incidente será mais do que um simples desenvolvimento de fumo e pede unidades extra. As restantes viaturas no protocolo padrão para incêndio estrutural são alertadas às 14h37.

Em Bruxelas, um alarme para um incêndio numa estrutura consiste em duas viaturas de combate ao fogo, duas viaturas escadas, uma viatura de comando, uma ambulância e a Equipa Médica Móvel (EMM) do hospital militar (se estiverem disponíveis). Uma viatura escada é despachada do quartel de bombeiros "Cité", a EMM parte do hospital militar e o resto das viaturas são despachadas do quartel de bombeiros "Heliport".

2.2 Reforços

Após a chegada dos reforços de Heliport às 14h43, o Major Lambert inicia o seu reconhecimento como Chefe oficial. O sótão por cima do grande salão da discoteca é muito grande (15X40 metros), o perfil vertical do sótão tem a forma de um triângulo, as vigas de treliça metálica colocadas em distâncias irregulares proporcionam estabilidade estrutural. No meio pode-se ver uma espécie de corredor, mas é regularmente interrompido com elementos das vigas de treliça metálica, causando obstáculos, originando uma progressão muito difícil, mesmo com perfeita visibilidade.

Figura 6 - Esta imagem mostra o acesso ao sótão. Apenas 50 cm permitem passar para o sótão. Para um utilizador de ARICA, este é um espaço muito limitado. (foto: Nicolas Freuville)

Acima de tudo, a entrada para o sótão tem um espaço muito limitado, são utilizadas duas escadas para entrar no sótão a partir do piso abaixo. Além disso, a presença de grandes equipamentos ventilação num local específico do sótão obriga os bombeiros a entrarem através de uma abertura muito estreita.

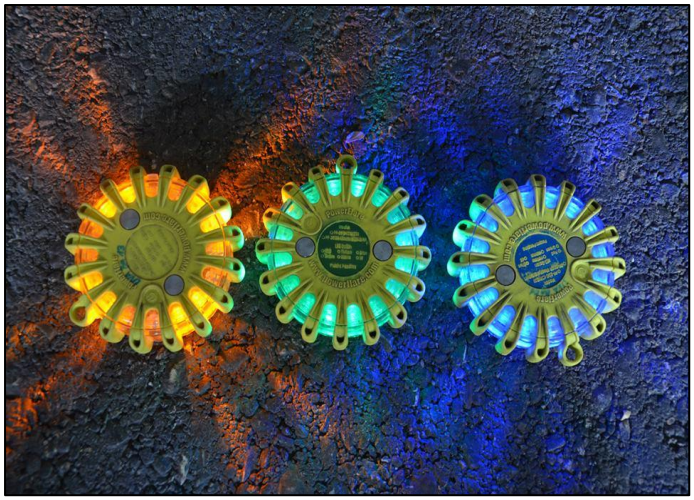

Figura 7 - Uma PUC amarela, uma verde e uma azul em ação. (Foto: Jean-Paul Heyens)

Durante esse primeiro reconhecimento feito pelo Chefe Oficial, não havia fumo visível no sótão, no entanto, confirma de imediato o potencial perigo para os bombeiros, afinal a situação evidencia muitas semelhanças com o incêndio em Diksmuide em 2009: um incêndio "fumegante", escondido em material inflamável no telhado de um sótão de difícil acesso. Ele decide movimentar-se para o exterior do edifício, para obter uma melhor imagem do teatro de operações, olhando para o telhado e sótão de uma parte exterior e superior.

Entretanto, sugere colocar PUC's verdes no interior, por forma a indicar a saída (de acordo com a recomendação da comissão de aprendizagem *Beringen*). Se, de repente, se produzisse fumo, os bombeiros podem facilmente encontrar a saída seguindo as luzes (ver Figura 7). O Major Lambert decide por volta das 14h50 pedir uma 3º viatura para o local, para ter a certeza de que tem as unidades necessárias se a situação se desenvolver de forma desfavorável.

A Unidade de Drones da Polícia Federal estava a fazer um estágio de observação com o Corpo de Bombeiros naquele dia. Assim acompanharam o alerta e rapidamente colocaram um drone no ar para fornecer imagens de vista aérea. Estas imagens mostraram uma estrutura complexa do edifício, como visível na figura 4. Importa referir que, neste caso, o telhado de duas águas acima do sótão começa apenas a 20, 30 metros de distância da fachada, revelando-se inacessível para viaturas escada.

As imagens do drone mostraram claramente que o material do telhado era feito de chapa de aço perfilada. Houve um incêndio na cumeada do telhado e isso era visível pelo desenvolvimento do fumo e pela descoloração da chapa de aço naquele local. Não havia chamas visíveis, o fogo propagou-se por cerca de um metro, o fumo claro escapou do telhado e as imagens térmicas não revelaram muita temperatura.

No interior, os bombeiros estavam ocupados a tentar extinguir o fogo, tendo sido confrontados com o facto de que a parte inferior do telhado estava coberta por chapa de aço e isso tornou a extinção pouco eficaz.

Um segundo reconhecimento do Major Lambert revelou que o fumo era agora visível no sótão. Este fumo causou uma alteração e piorou a visibilidade, isto tornou o trabalho ainda mais difícil. O Corpo de Bombeiros está perante uma situação em que encontra um incêndio no telhado, extingue esse fogo e vê o mesmo retomar. A má visibilidade torna cada vez mais difícil ver o que realmente está a acontecer, a concentração de gases de fumo está a aumentar e, num momento súbito, será atingido o limite inferior de inflamabilidade. O Major Lambert deixa os bombeiros continuarem, mas alerta para procederem com toda a cautela, refere-se ao caso Diksmuide, um caso que alguns dos bombeiros conhecia e

entenderam de imediato a mensagem. Nessa altura torna-se claro que, teria de ser realizado um buraco no telhado para evacuar o fumo. O Major deixa o edifício e chama um segundo chefe para o local, como ação direta, o Capitão De Paepe desloca-se para o TO da estação principal às 15h12.

Uma vez do lado exterior, nota que não havia possibilidade de chegar ao telhado a partir de Leuvensesteenweg. O acesso ao telhado foi crucial para poder efeturar uma abertura no telhado, considerou-se o uso de uma viatura plataforma que acabou por não ser útil, a opção seguinte seria usar uma viatura escada para chegar ao telhado de outra rua o que não se veio a revelar uma solução possível. A Waterkrachtstraat ficava a cerca de 80 metros da *fachada de trás do* Mirano.

Figura 8 - Os condutores de ambos os veículos de comando usam os quadros brancos para consciência situacional e estão seguindo as comunicações de rádio. (Imagem: Robert Decock)

Entretanto, o condutor da viatura de comando, o cabo Feytens, foi efetuando registos em dois quadros brancos tentando descrever a visão geral da situação da melhor forma possível, à chegada da segunda viatura de comando, o condutor desta juntou-se a ele e começam a acompanhar os bombeiros que utilizam ARICA: quem entra e sai e a que horas (ver figura 8).

O Major Lambert pede à viatura pesada de resgate no TO que prepare o equipamento para efetuar abertura do telhado pois, a serra e moto disco, não são equipamentos básicos de uma viatura. Solicita ainda a presença da equipa RISC (The Brussels Climbing Team), para garantir as ações previstas para o telhado e procurar um acesso a este. Por último, mas não menos importante, pede aparelhos respiratórios extra, muitos dos existentes no TO estão a uso nesse momento e é importante que os cilindros de ar possam ser trocados em tempo util por forma a evitar a interrupção dos trabalhos.

A equipe RISC, sob o comando do Ajudante Vanderweyen, inicia a busca para uma possibilidade de acesso ao telhado às 15h21, esta parece ser uma tarefa muito difícil, prosseguem na sua missa para criarem um ambiente de trabalho seguro no telhado.

2.3 Aumento de escala adicional

Às 15h33, o Comandante das operações, Coronel Van Gyseghem, chegou a pedido do Major Lambert, depois de se reunirem decide trabalhar com os quatro setores, cada setor acessível terá um destacamento de bombeiros liderado por um chefe oficial e para que isso aconteça, decide escalar ainda mais: solicita uma quarta viatura e um chefe extra (Major Jalet). A viatura de descontaminação e a viatura de apoio C12 também são solicitadas para o TO. A viatura de apoio é, na verdade, uma cantina móvel onde o pessoal pode beber ou comer alguma coisa, o Coronel Van Gyseghem trabalhará a consciência situacional perto do posto de comando, aqui possui as informações dos horários nos quadros brancos e das imagens do drone à sua disposição.

Entretanto, é cortada a eletricidade ao edifício, os técnicos da companhia de eletricidade que tinham chegado algum tempo antes e informaram que existe uma cabine de alta tensão no edifício. O corte de energia foi realizado a pedido dos comandantes, a empresa de gás que também se encontra no TO, verifica se existe abastecimento de gás ao edifício sendo instruídos, para que caso exista que efetuem o seu corte.

O Major Lambert regressa ao interior do edifício para realizar uma terceira inspeção no sótão, nesse momento, as equipas de interior informam que a situação se tornou demasiado perigosa. O sótão encontrava-se completamente inundado de fumo, a visibilidade tinha sido reduzida a quase zero. Os suboficiais no interior julgam que o risco se tornou muito elevado, o fumo pode inflamar-se e a difícil acessibilidade do sótão não garante que a equipa no interior consiga escapar rapidamente. Todos os bombeiros no sótão saem, como resultado, evitasse o elevado risco para os bombeiros (Comparativamente com Diksmuide). Entretanto, por este motivo está parado o combate ao fogo, neste momento, ninguém está a trabalhar no combate porque ainda não há como chegar ao telhado por cima do sótão. Isto significa que existe o risco deste incêndio se desenvolver subitamente de forma severa neste ambiente, altamente urbanizado (ver figura 5), podendo muito rapidamente haver um descontrolo da situação.

De seguida, o Major Lambert convoca uma nova reunião com o Coronel Van Gyseghem. O coronel quer antecipar-se a uma situação de expansão do fogo e decide dividir o cenário em três setores;

- O Major Lambert dirige os trabalhos no edifício afetado.
- O Capitão De Paepe cuida do setor Delta.
- O Major Jalet do setor Bravo.

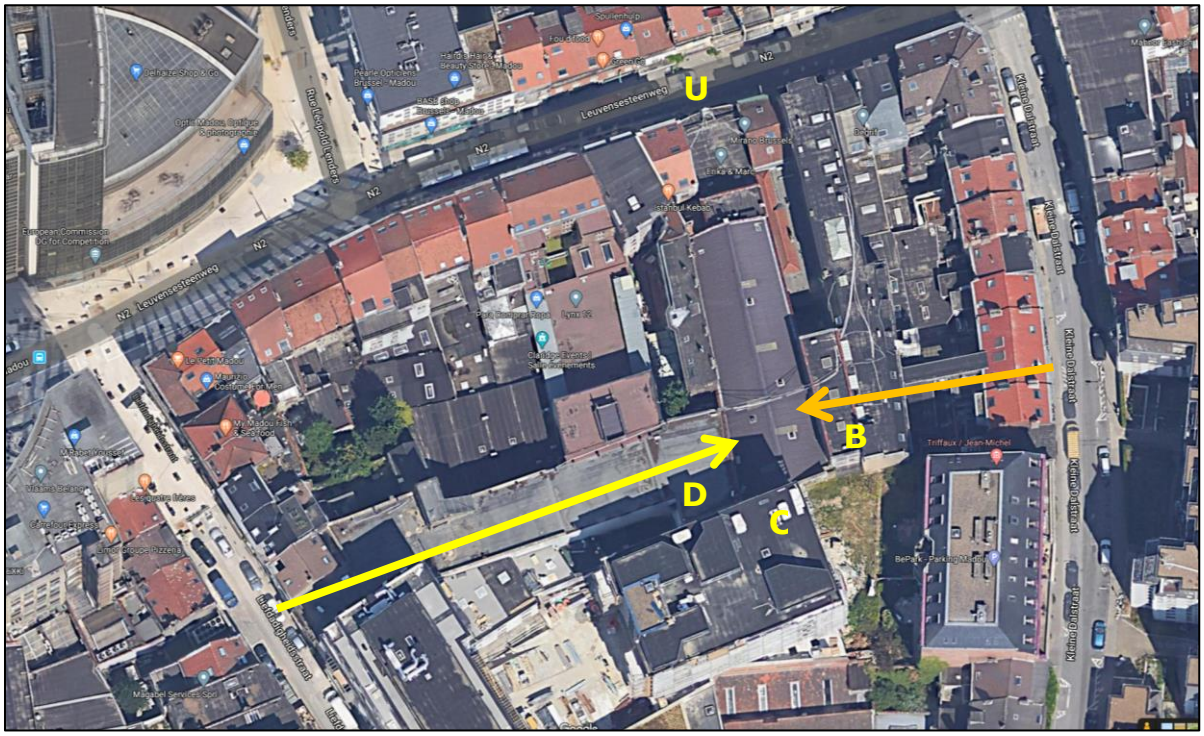

Figura 9 - O Corpo de Bombeiros de Bruxelas encontra duas entradas no telhado do Mirano. O Major Jalet encontra um acesso através de um edifício em Kleine Dalstraat (seta laranja). A equipa do capitão De Paepe encontra um acesso via Liefdadigheidsstraat, passando por cerca de 100 metros de telhados planos e conectados, alcançando desta forma o telhado ao lado do prédio em chamas (seta amarela). Assim, é cercado o fogo. (Imagem: Google Maps)

Tanto o setor Delta como o setor Bravo receberam uma viatura, mais tarde ao longo da interveção a equipa de escalada dividir-se-á pelos dois setores.

O Major Jalet e a sua equipa encontram uma entrada via Kleine Dalstraat, conseguindo, entretanto, obter uma visão do telhado do sótão através de um edifício adjacente no setor Bravo, o fogo tinha-se alastrado. A cumeada está atualmente em combustão a uma distância de vários metros, a sua equipa quebra as partes de vidro na parede comum para ter acesso ao telhado inclinado acima do sótão do edifício Mirano. (Ver Figura 11).

O Capitão De Paepe consegue acesso do telhado pelo setor Delta através dos telhados planos dos edifícios que alcançam a Liefdadigheidsstraat, têm uma distância de cerca de 100 metros até chegarem ao telhado do *Mirano*. São realizados preparativos em ambos os setores para garantir em cada lado do telhado que haja duas mangueiras de 45 mm prontas para começar a extinguir, caso o fogo alastre. Estas mangueiras de incêndio também servem para proteger a fachada do bloco de apartamentos do setor Charlie. Se o telhado do sótão desmoronar parcialmente e um originar um grande incêndio, a propagação do fogo seria um potencial problema de para o bloco de apartamentos como tal, as duas mangueiras de extinção serviram também para arrefecer esta fachada, caso seja necessário.

As equipas já se distribuíram por três ruas:

- Setor Alfa: Leuvensesteenweg
- Setor Bravo: Kleine Dalstraat
- Setor Delta: Liefdadigheidsstraat

A rua do setor Charlie, Waterkrachtstraat, está demasiado distante para ser útil. (Ver figura 4).

A equipa de escalada faz uma montagem a partir dos dois pontos de acesso para que seja criado um ambiente de trabalho seguro em cima do telhado. Desta forma, passam a existir condições de segurança para os nossos bombeiros podem subir ao telhado.

O Cor.^{el} Van Gyseghem aplica o conceito de cubo e pede que sejam feitos os preparativos necessários para evitar que o fogo se propague para o piso inferior, afinal já lá existe muito fumo. As equipas são então empenhadas para primeiro instalarem iluminação no salão grande por baixo do sótão, seguidamente colocarem duas mangueiras de 45 mm do lado exterior do salão principal para que, as partes caídas e queimadas possam ser extintas.

Figura 10 Vista no salão principal visto da entrada. *(Imagem: Robert Decock)*

2.4 A solução Técnica

O cabo Schepens da equipa de escalada começa a fazer uma abertura no telhado por volta das 17h30. Este é um trabalho muito árduo, com ARICA e pendurado em duas cordas. A construção do telhado torna este trabalho muito difícil. Finalmente, consegue fazer uma abertura, a partir desse momento, o Corpo de Bombeiros encontrou uma forma adequada de combater o incêndio.

Nas horas seguintes, são criadas cada vez mais aberturas no telhado, a tática consiste na construção de barreiras para garantir que o incêndio fique circunscrito e delimitado à área até então afetada.

Figura 11- A equipe de escalada faz uma montagem com cordas criar segurança para os trabalhos no telhado, de seguida criam-se aberturas numa parede pelas partes de vidro para se conseguir um acesso fácil ao telhado inclinado. Como resultado, os bombeiros podem começar a fazer aberturas no telhado, pendurados por cordas. *(Imagem: Robert Decock)*

Com decorrer do tempo, as aberturas criadas no telhado revelaram-se eficazes nas manobras de desenfumagem do sótão, as equipas do setor alfa foram novamente ativadas naquele local. O incêndio foi controlado muito rapidamente dada a ausência de fumo, sendo de seguida dado como dominado. A visibilidade foi recuperada no sótão, o período de tempo seguinte foi utilizado para trabalhos simultâneos tanto no interior como no exterior ao.

As equipas do exterior ficaram horas empenhadas a criar aberturas no telhado para cercar fisicamente o fogo, tudo isto aconteceu enquanto as equipas no interior continuavam a fazer aberturas pelo interior para extinguir os restantes focos de incêndio. A intervenção deu-se por finalizada às 05h06, durou cerca de 15 horas.

Figura 12 - Com o passar do tempo, uma trincheira foi realizada. De um lado do telhado foi feito um corte ao longo de todo o comprimento. Por causa disso, o fogo não pôde mover-se mais para aquele lado do telhado. (Foto: Nicolas Freuville)

3 Lições aprendidas

3.1 O valor dos estudos de caso

O corpo de bombeiros tem acesso a centenas de estudos de caso, trata-se maioritariamente, de estudos de caso estrangeiros, embora também existam alguns estudos belgas. Um bom estudo de caso possui um olhar crítico para as ações dos corpos de bombeiros após os factos:

- Qual era o plano?
- O que aconteceu?
- O que correu mal? (Não: Quem fez algo errado?)
- O que se pode aprender? (Não: Quem pode ser punido por isso?)

Estes documentos permitem aprender valiosas lições com os incêndios que originaram vítimas, oferecendo a possibilidade de se poder refletir de forma holística, de fora da ação e após ter terminado possibilitando ganhar *experiência artificial*.

O caso Diksmuide ensinou-nos (entre outros) quais são os perigos do isolamento com poliuretano e como uma situação que parece inofensiva, repentinamente poder transformar-se num inferno.

Ricardo Weewer, da academia de bombeiros holandesa, salientou no passado que os casos podem levar a um vocabulário conjunto, oferecendo a possibilidade de resumir a complexidade do incidente numa palavra. Permitindo assim uma comunicação muito rápida, na qual muitas informações (sobre a situação, possíveis cenários que podem dar errado, ações a tomar ou não tomar...) são declaradas com uma palavra-chave.

Recentemente, ocorreu um incêndio muito violento num edifício de grande altura, a propagação de fumo tinha o potencial de causar muitas vítimas. Tendo sido empenhadas as guarnições de três viaturas de bombeiros para controlar o incêndio, o que só veio a ser conseguido 40 minutos após a sua chegada ao local. Outras quatro viaturas e duas viaturas escada foram utilizadas para resgates. Durante o briefing do segundo Chefe Oficial, a frase "*Estamos numa situação semelhante à de Grenfell!*" foi utilizada para explicar a situação, o conhecimento comum dos casos pode ser uma grande mais-valia.

3.2 Expansão rápida

Ao lidar com um incêndio de grande e rápido potencial de propagação, é importante aumentar a escala rapidamente. É crucial evitar a todo o custo que o corpo de bombeiros siga os factos.

Durante este incidente, o sargento da primeira viatura fez uma análise rápida e correta da situação. Os seus recursos (apenas uma viatura) eram insuficientes. De imediato aumentou a escala. O primeiro comandante no TO fez exatamente o mesmo, assim que concluiu que o incidente estava a evoluir desfavoravelmente.

O comandante de serviço da semana, o coronel Tom Van Gyseghem, aumentou novamente a escala. Este aumento contínuo resultou de forma direta na presença de recursos suficientes no local para controlar este incidente dinâmico e complicado de controlar no centro da cidade. (Ver figura 9).

3.3 Boa coordenação

O coronel Van Gyseghem iniciou a coordenação operacional logo após a sua chegada ao local, havia várias zonas de impacto que exigiam atenção:

- Propagação do fumo
- Incêndio em expansão
- Impacto no tráfego

Foram especialmente importantes as diligencias com o departamento de polícia, pois o incidente provocou um grande impacto no trânsito durante a hora de ponta da noite.

O incidente também foi dividido em vários setores (geográficos). Dois setores (Bravo e Delta) estavam separados apenas pelo telhado em chamas, os elementos desses dois setores podiam comunicar por voz uns com os outros, no entanto, era uma distância muito longa para ir do setor Bravo para o setor Delta, deste ponto de vista, os três sectores encontravam-se geograficamente distantes uns dos outros. O coronel estabeleceu uma estrutura para a disciplina 1: três chefes oficiais, cada um responsável por um setor. Eles

mantinham a coordenação conjunta e ocasionalmente verificavam os setores uns dos outros para terem uma imagem contínua da situação global.

Toda a informação importante era também enviada ao Coronel Van Gyseghem para que ele pudesse atualizar a sua visão da situação e adaptar o aspeto multidisciplinar a ela. Também a comunicação por rádio foi ampliada. Os oficiais dos flancos comunicavam com o Coronel Van Gyseghem através de um canal de coordenação, sendo também utilizados diferentes canais para a equipa RISC (Rapid Intervention and Search and Rescue Team) e com os flancos.

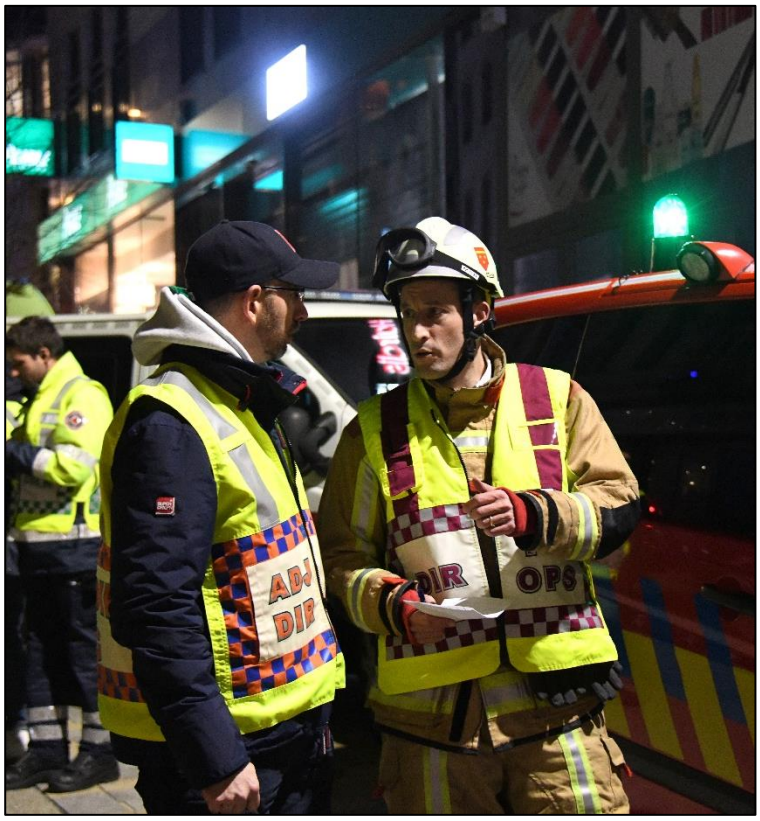

Figura 13 - Coronel Tom Van Gyseghem com um funcionário da autoridade local. *(Imagem: Robert Decock)*

Além disso, foi um incidente que demorou muito tempo tendo havido diligências com o município local. Atribuíram um DIR-LOG (Diretor de logística) para a situação. A autoridade local encarregava-se da restauração, designando uma pizzaria local para entregar pizzas aos muitos trabalhadores na emergência, incluindo muitos dos bombeiros, que se encontravam empenhados no TO.

Os vários setores organizaram-se de forma coordenada definindo quem ia comer e a que horas.

À medida que a intervenção prosseguia, iniciou-se a substituição de elementos no TO. Dado que a intervenção estava em pleno andamento, esta ação precisava ser realizada com muita precisão para evitar a escalada do incidente durante as substituições.

Durante toda a intervenção, dois elementos dedicavam atenção para os bombeiros que estavam a utilizar aparelhos de respiração autónoma (ver imagem 8). Isto não é algo que acontece rotineiramente em Bruxelas, nem na maioria dos Corpos de Bombeiros Belgas devido à falta de pessoal para desempenhar nessa missão. Na verdade, isto deveria acontecer sempre, devendo ser solicitados elementos adicionais para esta tarefa nos casos de intervenções complexas.

Finalmente, durante o incidente, houve uma grande necessidade de coordenação com o despacho do Corpo de Bombeiros de Bruxelas. O incêndio na Leuvensesteenweg mobilizou muito equipamento e pessoal por um longo período. Também havia uma grande quantidade de equipamento específico no local. Tudo isto foi realizado sem colocar em risco o resto da cidade.

4 Fontes

[1] *Lambert Karel (2010) Entrevista sobre o incidente em Diksmuide com Johnny Beernaert e Bart Sansen*

[2] *Weewer Ricardo, comunicação pessoal*

[3] *DBDMH (2020) Relatório sobre o incêndio em Leuvensesteenweg*

Karel Lambert